

# O professor de Medicina do Século XXI: reflexões em Paulo Freire e Theodor Adorno

## Medical teachers in the 21st Century: reflections from Paulo Freire and Theodor Adorno

Cintha Cosme Gutierrez Duran\*

Renata Mahfuz Daud Gallotti\*\*

Iolanda de Fátima Lopes Calvo Tibério\*\*\*

Jason Ferreira Mafra\*\*\*\*

65

### Resumo

A sociedade contemporânea necessita de médicos competentes, humanos e capazes de solucionar problemas nos mais variados contextos. Buscam-se novas abordagens pedagógicas que valorizem o ensino integrado, a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem, a diversificação de cenários de ensino e a inserção precoce dos alunos em atividades práticas. Experiências reais necessitam ser construídas e vividas pelos estudantes para reflexão, compreensão e proposição de soluções. Neste trabalho discutimos o papel do professor de medicina como agente de transformação e formação, utilizando referenciais teóricos de Paulo Freire e de Theodor Adorno.

**Palavras-chave:** Educação Médica. Medicina. Ensino Superior.

### Abstract

Contemporary society needs competent, humane, doctors able to solve problems in the most varied contexts. This implies to look for new pedagogic approaches that value integrated teaching, the active participation of pupils in the process of apprenticeship, diversification of teaching settings situations, and early insertion of pupils in practical activities. Real experiences need to be built and lived by students for reflection, understanding and proposition of solutions. In this work we discuss the role of medical teachers as agents of transformation and education, using as theoretical reference systems those by Paulo Freire and Theodor Adorno.

**Keywords:** Education, Medical. Medicine. Education, Higher.

\* Diretora Acadêmica da Universidade Nove de Julho.

\*\* Médica Doutora do Departamento de Clínica Médica-FMUSP. Diretora Acadêmica da Universidade Nove de Julho.

\*\*\* Médica Assistente e Livre Docente do Departamento de Clínica Médica-FMUSP. Diretora Acadêmica da Universidade Nove de Julho.  
E-mail: iocalvo@uol.com.br

\*\*\*\* Doutor e Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Diretor do Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho.

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

## INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea necessita de médicos competentes, humanos e capazes de solucionar problemas nos mais variados contextos.

Buscam-se novas abordagens pedagógicas, que valorizem o ensino integrado, a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem, a diversificação de cenários de ensino e a inserção precoce dos alunos em atividades práticas. Experiências reais necessitam ser construídas e vividas pelos estudantes para reflexão, compreensão e proposição de soluções.

As propostas de mudanças curriculares da educação médica devem considerar o docente, mediador da aprendizagem. Neste trabalho, discutimos o papel do professor de medicina como agente de transformação e formação, utilizando referenciais teóricos de Paulo Freire e de Theodor Adorno.

## O ENSINO MÉDICO

O Ensino da Medicina está sendo constantemente avaliado e necessita de mudanças. A evolução do conhecimento na área médica e as transformações sociais do mundo contemporâneo exigem um novo perfil do médico a ser formado. Nesse sentido, o Ensino Médico necessita de adequações e mudanças em seus projetos pedagógicos, desde o perfil do egresso, matriz curricular e, principalmente, inserção de novas metodologias de ensino e aprendizagem, o que requer participação ativa dos docentes, mediadores da aprendizagem.

Classicamente, o professor de medicina é um profissional de destaque na carreira médica, detentor do título de especialista, mestre e/ou doutor em determinada área de especialidade do conhecimento médico. Trazem histórias de vida construídas em diferentes cenários sociais e institucionais. Muitas vezes, exercem atividade docente por seu excelente desempenho profissional como médico, sem que tenha sido preparado para tal. É egresso de cursos de especialização, mestrados e doutorados cuja carga horária, apesar de expressiva, não objetiva formá-lo professor<sup>1</sup>.

A relação ensino-aprendizagem nesta área do conhecimento conta com outro importante e fundamental elemento, o paciente. O professor necessita do compromisso constante com o exercício da medicina e com a formação dos alunos. Segundo Hossne<sup>2</sup>, o paciente poderá ser peça de amortecimento na relação do professor com o aluno (e vice-versa), mas poderá ser o órgão de choque se a relação assumir contornos fisiopatológicos.

## PAULO FREIRE E THEODOR ADORNO

Ao propor esta reflexão acerca do papel do professor de medicina no século XXI, buscamos encontrar nas obras *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire<sup>3</sup>, e *Educação e Emancipação*, de Theodor Adorno<sup>4</sup>, significado, principalmente, no que tange à crítica da realidade e da possibilidade de serem gerados desta crítica os elementos que configurarão diretrizes ao ensino de medicina, considerando os determinantes sociais, econômicos e políticos envolvidos, bem como as implicações pessoais e as interações dos sujeitos envolvidos na aprendizagem.

Optamos por Theodor Adorno, filósofo e sociólogo alemão, um dos fundadores da Escola de Frankfurt, que dedicou sua vida ao entendimento dos processos de formação do homem na sociedade. Theodor Adorno faz parte da corrente da teoria crítica da sociedade. A teoria crítica não trata separadamente teoria e prática; delinea, ao contrário, como poderia ocorrer a interação entre elas, assumindo compromisso com a transformação social, em oposição à concepção positivista.

Adorno teve um papel importante na investigação das relações humanas. Propôs-se a compreender a lógica da burguesia industrial para defender mudanças na estrutura social e foi nesse sentido que contribuiu para a educação. Para ele, a educação deve ser capaz de criar e manter uma sociedade baseada na dignidade e no respeito às diferenças. O mundo estaria danificado pela falta de capacidade dos indivíduos de resistir ao processo de sua própria alienação. Mesmo quando a educação considerada ideal estiver limitada e condicionada a uma realidade nada promissora, Adorno prega um projeto pedagógico que consiga libertar da opressão e da massificação. Propõe

que o caminho é formar um indivíduo culto, com conhecimentos científicos, humanos e artísticos, preparado para uma vivência democrática.

As críticas que fez aos processos pedagógicos poderiam sugerir que Adorno era contra a educação. Muito pelo contrário, criticou tais processos justamente porque sabia da capacidade da educação na transformação das relações sociais. Para Adorno, a educação é uma semente de transformação social e é a única chance de emancipar o homem.

Adorno defende a educação como processo capaz de criar e manter a sociedade digna e que respeite as diferenças. É necessário estimular um pensamento crítico permanente, que modifique as teorias educacionais tradicionais. Nesse sentido, Adorno busca elaborar o passado e criticar o presente prejudicado para promover a emancipação. A elaboração do passado como esclarecimento é essencialmente uma inflexão em direção ao sujeito, reforçando a sua autoconsciência e por essa via também o seu eu<sup>4</sup>.

Sua preocupação é não esquecer o passado e sim utilizá-lo como forma de crítica e mudança. Em *Educação após Auschwitz*<sup>5</sup>, retrata o nazismo como a expressão mais profunda da barbárie a que nós, seres humanos, podemos chegar. Para Adorno, é esta a essência da educação: impedir a repetição da barbárie. Nesse sentido, é fundamental que analisemos criticamente a estrutura educacional contemporânea imersa na cultura da sociedade capitalista que impõe um mecanismo de construção dos indivíduos à vontade de terceiros e que impede a emancipação na formação. Além disso, faz o homem ser igual ao coletivo e, portanto, perder sua individualidade. Consequentemente, o indivíduo perde a capacidade de pensar e agir por conta própria, deixando de ser solidário e de respeitar o próximo.

No texto *Tabus acerca do Magistério*<sup>6</sup>, Adorno coloca que o papel da escola é fundamental para a emancipação a partir do momento em que ela se conscientize do seu legado. A escola é considerada a instituição capaz de formar o homem não dominado, dotado de autonomia e capaz de resistir ao processo de massificação e de adaptação estabelecida pelo meio. Ainda em *Educação após Auschwitz*<sup>5</sup>, nos provoca a refletir sobre o papel da tecnologia na atualidade e a conscien-

tização humana, quando considera a tecnologia um ente superior, e não lembrando que são eles próprios que produzem a tecnologia e não o contrário. Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço do homem<sup>4</sup>.

As leituras dos textos de Adorno evidenciam que a formação acadêmica pode promover a libertação, emancipação do homem, liberando-o da opressão e massificação, porém, para isso, é necessária formação de amplitude humanística. O ensino deve ser entendido como uma forma de resistência à indústria cultural, na medida em que contribui para a formação da consciência crítica e permite que o indivíduo enxergue as contradições da coletividade.

Para Adorno<sup>4</sup>, a alienação pode ser superada com um processo educativo que privilegie a abertura de possibilidades, decorrente de um aprendizado que desperte o interesse pelos problemas da vida e suas soluções. A vontade de aprender deve ser uma prática do docente e um exemplo para seus alunos.

Neste trabalho, optamos também em refletir sobre as obras de Paulo Freire, célebre educador brasileiro comprometido com a vida e com a existência humana, profundo conhecedor da realidade da educação brasileira e que discute a importância de uma educação crítica e questionadora da realidade, fundamental para o poder transformador das práticas educativas que impulsionam o desenvolvimento humano. Paulo Freire descreve bases pedagógicas, amparadas na experiência histórica de dominação a que foram submetidos os povos, valorizando a *práxis* educativa e a transformação da realidade opressora, de forma a produzir emancipação e tomada de consciência crítica do ser humano, que passa a construir sua história de sujeito autônomo.

Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire<sup>3</sup> questiona a educação bancária, considerada por ele um instrumento de dominação porque considera apenas o educador como sujeito. Na concepção da educação bancária, o educador é a autoridade. É ele que sabe, pensa, fala, impõe a disciplina e educa. Já o educando é secundário ao processo, é um “depósito” de conteúdos, que não sabe e só escuta passivamente, seguindo as

determinações do educador autossuficiente, sem participação e dialogicidade.

Na mesma obra, Freire propõe a *educação libertadora*, método no qual a “dialogicidade” é prática de liberdade, porque o “homem se faz homem” por meio da palavra, “mediatizado” pelo mundo, e há, portanto, a construção do conhecimento de forma coletiva, compondo novas palavras para dizer e escrever seu mundo, suas ideias, seu pensamento. Dessa forma, para Freire, educadores e educandos aprendem e ensinam, mediatizados pelo mundo. Como um processo criativo pelo meio do qual se passa de um termo inicial a um termo final, essa mediação se desenvolve por meio da comunicação: é por meio do diálogo entre educador e educando que o conhecimento passa pelo processo de (des)construção e (re)construção. Assim, o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação.

Freire propõe uma educação reflexiva, com análise da realidade. E, nessa análise, ao observar as relações do homem com o mundo, surgem novos questionamentos e, com eles, novas buscas por respostas. Assim, percebe-se a realidade como um processo dinâmico e sujeita a intervenções. O docente chama os educandos, por meio do diálogo, a conhecerem a sua realidade, e essa passa a intermediar a reflexão crítica de ambos. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu<sup>3</sup>.

Freire faz questão de reafirmar esta ideia: “A educação autêntica, repitamos, não se faz de ‘A’ para ‘B’ ou de ‘A’ sobre ‘B’, mas de ‘A’ com ‘B’, mediatizados pelo mundo”. Fica clara que a relação entre dois termos (“A” e “B”) depende de um terceiro (“mundo”), que atua como intermediário. Esse é um processo que vai se desenvolvendo a partir da reflexão sobre esse mundo, por meio do diálogo, em que não há educador e educando, mas “educador-educando” e “educando-educador”<sup>3</sup>.

Freire enfatiza a importância da teoria da ação dialógica, em que os sujeitos se encontram para o desvendamento do mundo e a libertação. O ato de unir para a libertação é contrário à vontade da classe dominante. Trata-se da práxis

que possibilita a união dos oprimidos entre si para a libertação, que levará à síntese cultural, que considera o ser humano como ator do seu processo histórico.

A convergência no pensamento dos autores nas obras *Pedagogia do Oprimido*<sup>3</sup> e *Educação e Emancipação*<sup>4</sup> é nítida em relação à percepção que ambos têm de que a educação no mundo contemporâneo não conduz à emancipação, libertação dos sujeitos. Além disso, nos remetem à reflexão da importância do professor para o processo por ser o mediatizador da aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade contemporânea necessita de médicos competentes, humanos e capazes de solucionar problemas nos mais variados contextos.

É sabido que o Ensino Médico necessita de adequações e mudanças nos projetos pedagógicos, desde o perfil do egresso, matriz curricular, inserção de novas metodologias de ensino e aprendizagem.

Grande parte das propostas de mudanças tem sido desenvolvida numa perspectiva tecnicista, como destacado por Briani<sup>7</sup>, privilegiando a organização do currículo a uma orientação restrita à atividade técnica – *como fazer*, que tendem a copiar experiências de modelos de ensino de outros países, sem reflexão crítica. Não há valorização da organização do currículo no contexto da sociedade contemporânea e de acordo com demandas sociais, políticas, econômicas. Pouco se discute sobre o papel do professor como agente de formação e transformação.

A imersão nos trabalhos de Freire e Adorno nos remete à discussão da importância da educação médica além da formação técnica e também direcionada para a leitura do mundo e construção da autonomia por meio da crítica da realidade e das interações dos sujeitos envolvidos na aprendizagem.

O professor de medicina não pode ficar limitado aos ensinamentos dos conhecimentos médicos. Deve, além disso, compreender a necessidade de mudanças e participar da formação do novo médico que é requisitado pela sociedade: um profissional humanista, ético, capacitado para trabalhar em equipes multiprofissionais e

multidisciplinares, consciente da importância da educação continuada<sup>8</sup>.

A formação desse novo médico exige um professor também modificado, com características distintas daquelas puramente de formação técnica. É necessário um professor com conhecimentos e habilidades, valores e cujas atitudes com alunos, pacientes e com a sociedade demonstrem compromisso com a transformação social e que, portanto, sirvam de modelo para os alunos.

É necessário proporcionar uma educação mais dialógica, com reconhecimento da atividade e interatividade do homem em seus processos de conhecer, explicar e intervir no mundo, e com reconhecimento da perspectiva interdisciplinar como pressuposto nuclear, demandando atitudes que construam abertura para novas parcerias e posturas de questionamento e intervenção na realidade.

Deve-se discutir o sentido de inovação nos projetos pedagógicos. Inovação não simplesmente caracterizada pela utilização de novas metodologias tecnológicas e sim a utilização de novas experiências que levem à emancipação do sujeito de aprendizagem, considerando o contexto social e o papel do professor como agente de transformação.

É preciso propor mudanças ao modelo dominante de ensino desenvolvido dentro de uma visão tecnicista e alienante, e propor experiências novas com as ações inovadoras, que procuram explorar novas possibilidades no contexto dos conflitos e das contradições de uma escola historicamente situada.

Nesse sentido, as necessárias mudanças na formação médica trazem enormes desafios para uma área do conhecimento extremamente tradicional e conservadora, como a ruptura de modelos de ensino tradicionais e clássicas estruturas, o que permitirá a valorização da relação humana, dimensão essencial ao cuidado e que é transmitida por meio das ações dos docentes.

O professor de medicina do século XXI tem desafios cada vez maiores. Seu papel vai muito além de simplesmente colaborar no processo de construção do conhecimento do ser humano. Precisa ir além da transmissão de conteúdos científicos. Deve ser educador, dotado de atitudes e habilidades que serão incorporadas pelos alunos, principalmente nos momentos em que os aspectos não verbais da relação professor-aluno são presentes. Deve estimular a vontade de aprender, o interesse e a curiosidade dos alunos. Não pode ser alguém passivo, alheio aos acontecimentos da sociedade. É necessário problematizar, analisar, discutir o que se passa no mundo. Deve ensinar a criticar, a formar opinião. Deve ser o mediador da troca de experiências, que estimula os alunos a pensarem, refletirem e se preocuparem com causas coletivas, rompendo a barreira do individualismo. Deve formar o indivíduo, torná-lo interessado pelo mundo e em sua preparação para a vida.

Além disso, os professores necessitam compreender a responsabilidade que têm na formação de médicos, cidadãos autônomos, críticos e que contribuirão para um mundo melhor.

## REFERÊNCIAS

1. Batista NA, Silva SHS. A função docente em medicina e a formação/educação permanente do professor. *Rev Bras Educ Méd.* 1998;22:2-3.
2. Hossne WS. Relação Professor-Aluno: Inquietações – Indagações – Ética. *Rev Bras Educ Méd.* 1994;18:2.
3. Freire P. *Pedagogia do Oprimido*. 48a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2005.
4. Adorno TLW. *Educação e Emancipação*. 3a ed. São Paulo: Paz e Terra; 2003.
5. Adorno TLW. *Educação após Auschwitz*. In: Adorno TLW. *Educação e Emancipação*. 3a ed. São Paulo: Paz e Terra; 2003.
6. Adorno TLW. *Tabus acerca do magistério*. In: Adorno TLW. *Educação e Emancipação*. 3a ed. São Paulo: Paz e Terra; 2003.
7. Briani MC. O ensino médico do Brasil está mudando? *Rev Bras Educ Méd.* 2001;25:73-7.
8. Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Medicina. Homologada em 03/10/2001, Parecer CES 1.133/2001. Resolução CNE/CES Nº 4, de 7/11/2001.

Recebido em: 05 de março de 2013.  
Aprovado em: 21 de março de 2013.